

18 mar 2009

Nº 62

Desaceleração do emprego não deve repetir anos 90

Por Antonio Marcos Hoelz Ambrozio
Economista da APE

Mudanças estruturais na economia devem minorar impacto sobre mercado de trabalho

A retomada do crescimento econômico no Brasil nos últimos anos foi um fator importante para explicar a queda da taxa de desemprego brasileira. Entre 2003 e 2008, essa taxa recuou de 12,3% para apenas 7,9%. Trata-se de uma forte queda, de 4,4 pontos percentuais, significativa tanto em termos absolutos como quando comparada com a experiência de outros países (ver Visão do Desenvolvimento nº 61).

O cenário macroeconômico sofreu, no entanto, uma piora substancial nos últimos meses, com a desaceleração da economia mundial. A crise financeira está tendo

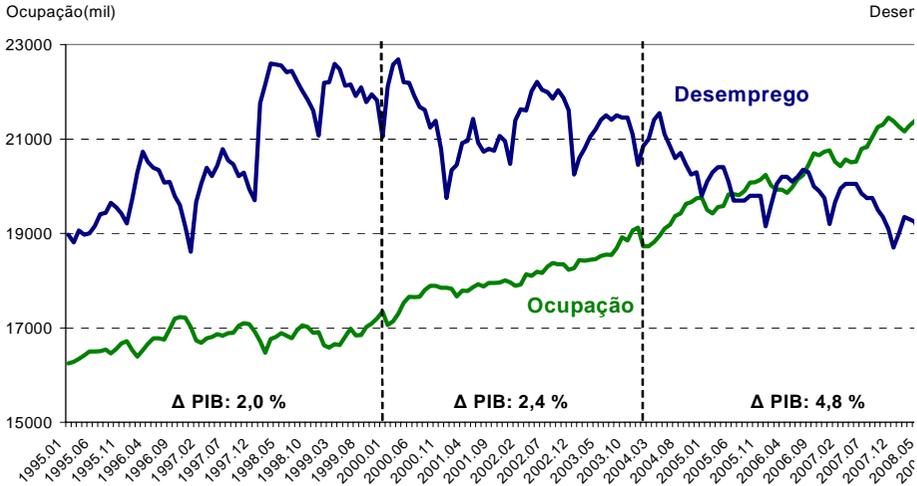
forte impacto sobre o nível de atividade global e do emprego. As principais economias desenvolvidas já se encontram em um ciclo recessivo. No caso americano, a taxa de desemprego vem aumentando de modo significativo desde o segundo semestre de 2007.

No Brasil, a crise já começou a impactar negativamente o mercado de trabalho. A geração de emprego formal, que vinha experimentando uma recuperação expressiva nos últimos anos, foi particularmente afetada no último trimestre de 2008. A criação líquida de emprego (diferença entre contratações e desligamentos) foi fortemente negativa em dezembro.

Visão do Desenvolvimento é uma publicação da área de Pesquisas Econômicas (APE), do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social. As opiniões deste informe são de responsabilidade dos autores e não refletem necessariamente o pensamento da administração do BNDES.

Gráfico 1

**Evolução da Taxa de Desemprego e da Ocupação: Brasil
1995-2008**



Fonte: PME/IBGE (séries antiga e nova – interpoladas linearmente)

O objetivo desse informe é discutir quais as tendências para a evolução do mercado de trabalho brasileiro no futuro próximo. Em particular, uma questão que se pretende tratar é se um crescimento menor, no bojo de uma crise mundial, teria como consequência uma elevação pronunciada da taxa de desemprego, como foi observado na segunda metade da década de noventa.

O ponto central é que a economia brasileira experimentou, nos últimos dez anos, mudanças estruturais significativas, que atuam no sentido de preservar o emprego. Assim, não

deve ser esperada uma aceleração aguda na taxa de desemprego como ocorrido no fim dos anos noventa.

A evolução recente do mercado de trabalho brasileiro

O comportamento do mercado de trabalho brasileiro será analisado com um foco em duas variáveis: o nível de ocupação (geração de emprego) e a taxa de desemprego¹. O Gráfico 1 mostra a evolução destas a partir de 1995 (período pós-Real), sendo o horizonte de tempo dividido em três sub-períodos: 1995-1999; 2000-2003 e 2004-2008. Os dados utilizados são da Pesquisa Mensal de Emprego (PME/IBGE), que cobre as regiões metropolitanas de Recife, Salvador, Belo Hori-

1 Uma pessoa é considerada desempregada quando não têm correntemente emprego mas encontra-se disponível para trabalhar e adotou medidas ativas para encontrar emprego em um certo período de referência.

zonte, Rio de Janeiro, São Paulo e Porto Alegre².

Entre 1995 e meados de 1999, o nível de ocupação permaneceu relativamente estagnado. Já a taxa de desemprego alcançou um patamar muito elevado entre 1998 e 1999, resultante de choques externos adversos (crises da Ásia e Rússia).

A partir do segundo semestre de 1999 houve substancial aumento no nível de ocupação. O período 2000-2003 foi caracterizado por uma recuperação da geração de emprego. Esta recuperação afetou a taxa de desemprego, que passou a um patamar mais baixo após 2001, embora com um nível médio de desemprego ainda elevado³.

O terceiro período (2004-2008), por sua vez, conciliou continuidade do processo de geração de emprego com um movimento consistente de queda na taxa de desemprego.

Quais elementos poderiam explicar essa evolução da taxa de desemprego e do nível de ocupação? Um candidato natural é a taxa de crescimento econômico. O aumento do nível de atividade tende a es-

tar associado a uma maior demanda por fatores produtivos por parte das empresas, justificando assim um maior nível de emprego. De fato, o dinamismo particularmente favorável do mercado de trabalho brasileiro após 2004 foi positivamente afetado pela aceleração do crescimento econômico no período, quando a taxa de crescimento real média do PIB foi de 4,8% a.a. (incorporando a previsão de 5,4% em 2008).

O crescimento econômico não parece, contudo, o único fator relevante para explicar a trajetória do emprego no período. O padrão de geração de emprego é claramente dis-

Aceleração do crescimento econômico impulsionou melhorias no mercado de trabalho no período entre 2004 e 2008

tinto quando se comparam os períodos 1995 -

1999 e 2000-2003, embora as taxas de crescimento econômico nesses períodos sejam próximas (crescimento real médio de 2% e 2,4%, respectivamente).

O que poderia explicar a reversão do comportamento do emprego no período pós-99? Durante os anos noventa, a economia foi atingida por dois movimentos que implicaram em um fenômeno de racionalização do emprego (ou seja, crescimento com baixa elasticidade produto-emprego). De um lado, a abertura comercial que se iniciou no começo da década expôs a economia a uma maior competição externa, induzindo a necessidade das firmas buscarem ganhos de produtividade. De outro lado, o regime de câmbio sobrevalorizado

2 O Gráfico 1 combina a série antiga (até 2002) e nova (após 2002) da PME. Embora a mudança de metodologia seja tal que os valores dessas séries não sejam estritamente comparáveis, o objetivo do gráfico é ilustrar a tendenciada ocupação e taxa de desemprego no período.

3 A coexistência de um patamar estável e ainda elevado para a taxa de desemprego vis a vis um processo de aumento do nível de ocupação pode ser explicado por um aumento na taxa de participação no mercado de trabalho nesse período.

que prevaleceu na segunda metade dessa década representou uma maior exposição da economia a essa pressão competitiva externa.

O esgotamento do processo de ajuste das firmas à abertura econômica na virada para os anos 2000 foi um elemento importante para explicar a recuperação do emprego no período. Após a reorganização e modernização das empresas à nova realidade competitiva, abriu-se espaço para que o crescimento econômico voltasse a ser acompanhado da expansão do emprego. Ao contrário, no momento do ajuste ao “choque”, o processo de reestruturação das firmas envolveu um “enxugamento” da mão-de-obra.

A mudança do regime macroeco-

nômico em 1999 também foi relevante para a recuperação do emprego. De fato, a desvalorização que seguiu com a mudança do regime cambial implicou uma maior proteção à economia, particularmente à indústria.

Desse modo, o crescimento econômico é um fator importante para explicar o bom desempenho do mercado de trabalho brasileiro, particularmente a aceleração do processo de geração de emprego e a queda da taxa de desemprego após 2004. Entretanto, deve-se ter em mente que o esgotamento do processo de reestruturação tecnológica e organizacional das empresas, bem como a adoção do regime de câmbio flexível, representaram fatores

estruturais relevantes para entender a quebra do padrão de geração de emprego após 1999.

Evidências da crise no mercado de trabalho brasileiro

A atual crise financeira internacional vem tendo um efeito adverso sobre o emprego em diversos países, e seus reflexos começaram a ser sentidos também no Brasil. O impacto da crise sobre o mercado de trabalho brasileiro pode ser evidenciado a partir dos dados do Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (CAGED/MTE). Essa base estatística, apesar de cobrir

apenas o setor formal da economia, tem maior

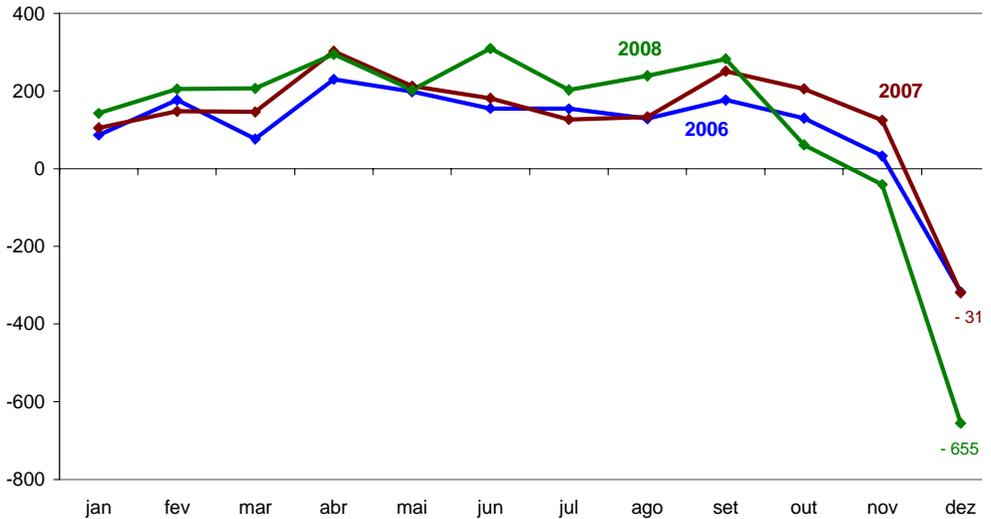
representatividade nacional (como visto, os dados da PME cobrem apenas regiões metropolitanas).

O Gráfico 2, que reporta o saldo líquido de emprego (contratações menos desligamentos) nos últimos três anos, mostra que o impacto da crise no mercado de trabalho brasileiro em termos da geração de emprego ocorreu efetivamente no último trimestre de 2008.

A criação líquida de emprego em 2008 foi superior a observada dois anos antes até setembro. Em outubro e novembro, o saldo líquido desacelerou e, em dezembro, houve uma destruição líquida de postos surpreendentemente elevada. Nesse último mês foram destruídos

Gráfico 2

Saldo Líquido de Emprego: Anos Recentes
(mil)



Fonte: CAGED/MTE

liquidamente 655 mil postos de trabalho, duas vezes mais do que foi alcançado nos dois anos anteriores.

Um ponto interessante a ser notado é que a elevada destruição líquida de postos em dezembro de 2008 pode ser explicada mais por um movimento de não-contratação do que efetivamente pelo aumento das demissões. O Gráfico 3 mostra a evolução das admissões e desligamentos no mercado de trabalho desde 2005. Como pode ser percebido, dezembro é um mês onde sazonalmente costuma se verificar um saldo líquido de emprego negativo, com queda nas admissões e aumento nos desliga-

mentos vis a vis aos demais meses do ano. Em 2008, no entanto, enquanto o aumento nos desligamentos entre novembro e dezembro foi um pouco superior à tendência observada em anos anteriores, a queda nas contratações foi desproporcionalmente mais pronunciada.

Assim, o resultado negativo de dezembro, embora substancialmente maior do que os anos anteriores, parece refletir mais um momento de pausa nas decisões de produção e investimento frente as crescentes incertezas que envolvem a economia, do que uma reversão no padrão de geração de emprego.

Perspectivas para o desemprego no Brasil

A aceleração do crescimento econômico a partir de 2004 foi um elemento importante para explicar a queda da taxa de desemprego brasileira. As expectativas, no entanto, são de um recuo no crescimento do PIB para os próximos anos, dentro do contexto da crise financeira internacional.

No final dos anos 90, houve um aumento acentuado na taxa de desemprego brasileira, em um contexto de desaceleração do crescimento econômico, também no bojo de crises internacionais. Uma questão interessante é se essa redução pre-

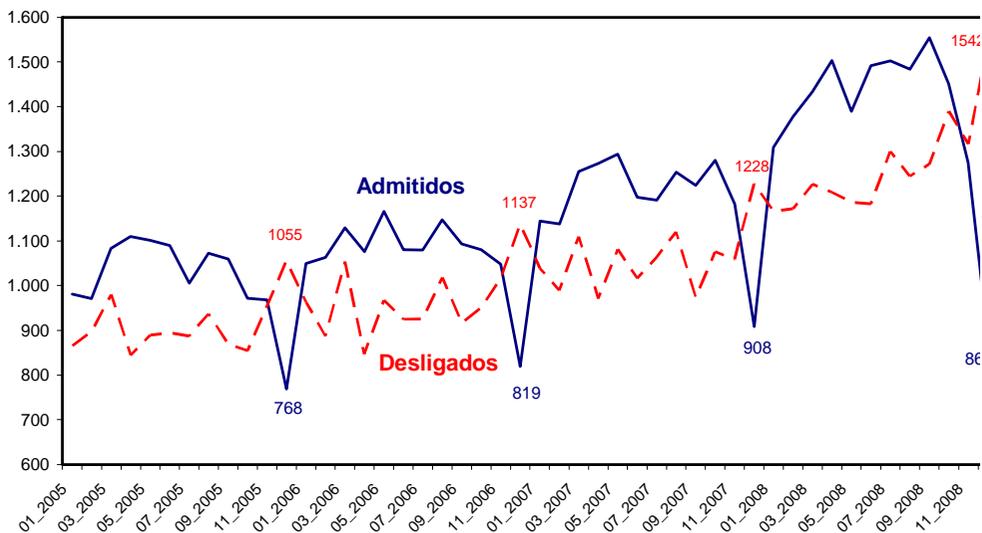
vista do crescimento econômico brasileiro poderia fazer com que a taxa de desemprego aumentasse de forma brusca nos próximos anos.

Como já foi destacado, embora o crescimento econômico seja importante, outros fatores tiveram uma contribuição significativa para explicar a recuperação do nível de emprego na economia brasileira. E mais relevante, boa parte desses fatores não tende a ser afetado pela crise, ou envolvem mecanismos para atenuar o impacto da crise sobre o emprego.

O “choque” de abertura da economia no início da década de noventa já foi absorvido pelas empresas, e no contexto da crise finan-

Gráfico 3

Admitidos e Desligados (mil): 2005-2008



Fonte: CAGED/MTE

ceira atual não parece que se repetirá uma nova rodada de abertura comercial de igual magnitude. Por outro lado, o câmbio flutuante garante um mecanismo de proteção à competição externa justamente em momentos de agravamento da crise: uma deterioração do balanço de pagamentos tende a ser seguida de desvalorização cambial, o que estimula exportações e desestimula importações.

Além disso, pode-se destacar transformações qualitativas ocorridas no mercado de trabalho brasileiro, que tendem a conferir uma maior proteção ao emprego. Houve um

aumento da qualificação e consequente

produtividade da força de trabalho empregada – a participação de trabalhadores pouco qualificados (menos que o ensino fundamental completo) no emprego formal caiu de 33,5% em 2000 para apenas 20% em 2007.

Houve também uma recuperação do emprego formal – que em boa medida pode ser justificado pela recuperação da participação da indústria na economia. Entre 2001 e 2007, a participação do emprego formal aumentou cerca de 5 pontos percentuais, alcançando cerca de 45% da população ocupada (Ramos et alli, Boletim Mercado de Trabalho n. 37, IPEA – dados da PNAD).

A destruição de um posto de tra-

balho formal apresenta uma série de custos institucionais. A demissão de trabalhadores mais produtivos envolve um custo de oportunidade maior para o empregador. Essas mudanças recentes no mercado de trabalho devem se refletir, portanto, em maior resistência à destruição de postos de trabalho.

Nesse sentido, algum aumento da taxa de desemprego brasileira deve ser esperado no contexto de um processo de desaceleração da economia. Entretanto, cabe frisar que a política macroeconômica e as condições estruturais da economia são bem distintas daquelas que preva-

leceram na segunda metade da década de noventa.

Assim, o ponto central é que a economia brasileira conta hoje com empresas adaptadas a um ambiente de maior competitividade, um regime cambial mais favorável para amortecer choques externos, bem como mudanças qualitativas no mercado de trabalho, como o aumento do grau de formalidade e da qualificação do trabalhador. Essas transformações ocorridas a partir do fim da década de noventa atuam no sentido de preservar uma dinâmica positiva do mercado de trabalho brasileiro. Logo, nesse contexto menores taxas de crescimento não devem se traduzir em uma reversão brusca dos ganhos obtidos nos últimos anos.



O BANCO DO DESENVOLVIMENTO
DE TODOS OS BRASILEIROS

Se você quer receber os próximos números desta
publicação envie e-mail para
visao.do.desenvolvimento@bndes.gov.br.